

A PERSONA NO COTIDIANO E A PERSONA NO CARNAVAL

The Persona in Everyday Life and the Persona in Carnival

Andrade Silva, Priscila; Dr; Universidade Federal do Maranhão, priscila.andrade@ufma.br¹
Gamba Jr, Nilton Gonçalves; Dr; Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro, gambajunior@gmail.com²

Resumo: Este trabalho descreve uma metodologia de mapeamento da estética da apresentação visual de personas que fazem parte do grupo social dos Bate-bolas e Bate-boletes, do carnaval do Rio de Janeiro. A premissa da pesquisa demonstra que o diálogo entre vestuário e fantasia possibilita um percurso interessante para estudar um campo de estudo plural pelo designer na área da cultura do vestir, que manifesta na aparência das personas, um recorte da estética do vestir da periferia carioca.

Palavras chave: Persona; Estética; Bate-bola.

Abstract: This work describes a methodology for mapping the aesthetics of the visual presentation of personas who are part of the social group of Bate-bolas and Bate-boletes from Rio de Janeiro's carnival. The premise of the research shows that the dialogue between clothing and costume allows for an interesting path to study a plural field for designers in the area of clothing culture, which manifests in the personas' appearance, a glimpse into the aesthetics of dressing from Rio de Janeiro's periphery.

Keywords: Persona; Aesthetics; Bate-bola.

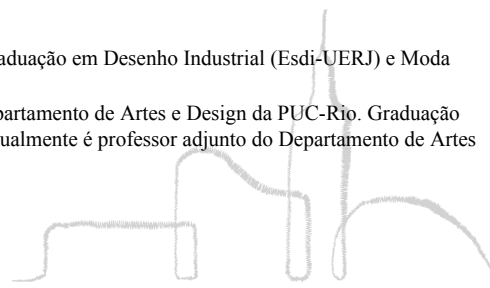
Introdução

Este trabalho apresenta a metodologia de pesquisa de campo desenvolvida para a tese intitulada “A persona no cotidiano e a persona no Carnaval: Bate-bolas, Bate-boletes e uma pesquisa sobre a cultura do vestir” (ANDRADE SILVA, 2022). Em função do foco na metodologia, destacamos, ao longo do texto, as diretrizes teóricas, as técnicas e os procedimentos aplicados na pesquisa de campo de forma mais detalhada. Para a leitura mais aprofundada dos resultados, fornecemos as referências.

A pesquisa se dá com os Bate-bolas e as Bate-boletes, protagonistas de uma manifestação cultural do Carnaval do Rio de Janeiro. A partir do ponto de vista do design e em diálogo com saberes e práticas oriundos das ciências sociais, apresenta o mapeamento estético desta performance urbana. A tese analisou os aspectos materiais, processuais e simbólicos da manifestação como um todo. Incluímos nesta análise ampla, a reflexão apresentada neste trabalho que demonstra uma dinâmica de imersão no campo com foco na descrição individualizada de alguns protagonistas do ritual quanto às suas relações com o vestir e demais estratégias de representação de si, na manifestação carnavalesca e no seu cotidiano.

¹ Doutorado e mestrado em Design (PUC-Rio), especialização em História da Arte e Arquitetura (PUC-Rio), graduação em Desenho Industrial (Esdi-UERJ) e Moda (UVA-Rio). Atualmente é professora na graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

² Coordenador do DHIS - Laboratório de Design de Histórias do Programa de Pós-graduação em Design do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. Graduação em Desenho Industrial (EBA UFRJ), mestrado em Design (PUC-Rio) e doutorado em Psicologia (PUC-Rio). Atualmente é professor adjunto do Departamento de Artes e Design da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro.



O projeto da tese teve como interesse amplo entender as questões relativas à identidade do grupo social expressa através da estética desse festejo, que envolve indumentárias, músicas e performance características. O termo “estética” é aqui aplicado não como juízo de gosto, mas como referência à forma, compreendendo-a tal como empregado no âmbito das culturas periféricas, por Mizrahi, antropóloga que estuda a estética do Funk carioca, um universo que tem algumas aproximações com o dos Bate-bolas. Isto é, a estética como “demarcadora das imagens visuais, verbais ou artefatuais encontradas na aparência física, nas roupas, nos cabelos, no ritmo e nas letras de músicas” (MIZRAHI, 2014, p.19). Especificamente, a tese buscou entender como se dá a construção estética das personas deste grupo para atuarem em seus papéis sociais e expressarem suas visões de mundo. Foi importante entender as diferenças e as semelhanças entre os aspectos relacionados às expressões de gênero na manifestação cultural, pois uma das descobertas iniciais da pesquisa do campo foi a presença das Bate-boletes, versão feminina da fantasia, que não constava nas raras pesquisas anteriores a nossa.

Conforme Gilberto Velho (2004), o indivíduo, nas sociedades complexas, transita por diferentes "províncias de significados", relacionadas aos ambientes de trabalho, festa, lazer etc (VELHO, 2004, p.33). A maneira de ser e de se comportar, a prática cotidiana de um determinado segmento social, é a sua forma de expressar a sua participação em um sistema de relações simbólicas e significativas mais abrangentes que denominamos cultura. O autor desenvolve o conceito de “projeto” de vida, que é realizado pelo indivíduo ao acionar ações, trejeitos, falas para atuar nesses ambientes. A aparência de um indivíduo, o modo como ele se veste são essenciais para a interação social. Além do tratamento estético do corpo (cuidado com cabelos, unhas, dietas...), a escolha do vestuário confere uma aparência específica para os indivíduos no desempenho de seus papéis sociais. Mesmo considerando o fato de o autor não ter abordado a aparência, nos parece que seria interessante ampliar o conceito de “projeto” de vida, de modo a abarcar o processo de dar visibilidade à subjetividade. Entende-se que essa aparência não seja, necessariamente, estável, mas é coerente com o indivíduo, que aciona um repertório simbólico através das escolhas mais ou menos conscientes para o seu vestir, para transitar pelas “províncias de significado”.

Percebemos que a metodologia de investigar ao mesmo tempo o vestir ritual e o vestir cotidiano, poderia constituir uma rica oportunidade para se delinear a identidade do grupo e a singularidade dos seus integrantes. Tal abordagem se encontra em sintonia com o que propõe Roberto DaMatta, no livro “Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro” (1997). O autor valoriza o interesse em discutir e estudar as peculiaridades de nossa sociedade para carnavais e procissões, quando o tempo fica suspenso e uma nova rotina se repete e se inova, em relação às questões do dia a dia. Para DaMatta, os rituais criam e mantêm personagens culturais, razão pela qual esses eventos, especialmente em sociedades complexas, servem para

promover a identidade social e construir seu caráter. O domínio do ritual pode ser visto como uma área privilegiada para acessar o núcleo cultural de uma sociedade, sua ideologia dominante e seu sistema de valores. Nos rituais, os participantes utilizam a dramatização, combinando performance e autoapresentação para destacar algum aspecto, transformando-o em uma ferramenta que individualiza a coletividade como um todo, conferindo-lhe identidade e singularidade (DAMATTA, 1997, p. 36).

Apesar de esse olhar de DaMatta suscitar uma interpretação de que há uma divisão clara entre o cotidiano e o rito, nossa pesquisa deixa claro que não. Embora se constituam como práticas tensionadas por ações e objetivos diferenciados e a ruptura no calendário seja um fator determinante, as práticas não são necessariamente excludentes na integralidade. O que nossa análise demonstra é que existe uma transversalidade entre ambas as práticas e respectivos projetos de apresentação pessoal empregados no cotidiano e no carnaval.

Este trabalho se inicia com a descrição sintética do grupo social como todo, em seguida demonstramos como se aplicou a metodologia desenvolvida para a descrição individualizada de personas selecionadas, para conferir maior profundidade à análise estética da cultura do vestir dos Bate-bolas e Bate-boletes. Desde sempre, foi uma preocupação dos realizadores desta pesquisa, desenvolvê-la de forma ética. Cariocas, a autora e o seu orientador compartilham um *continuum* cultural com esses foliões, embora seus lugares de fala não coincidam com o dos integrantes dos festejos na contemporaneidade. Por isso, entendemos que a metodologia deveria, em cada fase do estudo, aplicar diferentes técnicas que tornassem possíveis novos níveis de imersão na realidade dos interlocutores, assim como incorporar suas vozes em interlocução com as nossas, deixando emergir tanto diferenças como proximidades.

A manifestação na origem

As performances dos Bate-bolas ocorrem por ocasião do Carnaval. Por proceder dos bairros periféricos e não circular por toda a cidade, a “festa dos Bate-bolas” não é muito conhecida pelos moradores dos territórios mais privilegiados, tampouco pelos turistas que visitam a cidade durante o período carnavalesco. Ainda assim, pode-se afirmar que são personagens tradicionais, considerando que os primeiros foliões com esse tipo de caracterização começaram a surgir nos anos 1930 (PEREIRA, 2008, p.39). Os primeiros produziam fantasias individuais, isoladas e improvisadas, sempre cobrindo todo o corpo para garantir o anonimato de quem as vestia. Ao longo do tempo, sofisticaram a produção da fantasia, que hoje é muito mais elaborada, demonstrando um histórico de alterações dentro da própria manifestação. Começaram a se organizar em turmas, comandadas por um “cabeça”, coordenador da produção do festejo e da confecção da fantasia, que passou a ser igual para todo o grupo, de acordo com um tema anual, definido por esse responsável. O tema é uma espécie de enredo,

termo usualmente aplicado para falar de Escolas de Samba, mas que já vem sendo empregado pelos protagonistas do rito. Hoje, as turmas podem ser compostas por um número reduzido de integrantes ou, até mesmo, alcançar mais de trezentos componentes, no caso das mais famosas. Segundo dados levantados recentemente, existem cerca de setecentas turmas (BEZERRA DA SILVA, 2023, p. 169) nos bairros periféricos do município do Rio de Janeiro (zona norte e zona oeste), além dos grupos nos municípios de Niterói e São Gonçalo, na Baixada Fluminense e em outras regiões do estado, mas acredita-se que a quantidade real alcance um número maior.

A fantasia, usada majoritariamente por homens, é composta sempre por um macacão ou veste volumosa, uma máscara telada que esconde todo o rosto, uma peruca, meias e luvas. Esses itens podem variar bastante em modelagem, cores, desenhos, estampas e materiais. Além disso, a fantasia é acompanhada por adereços e acessórios – como sapatilha ou tênis, colete ou casaca, bola, bandeira, sombrinha – e enfeites de mão – como leque, bicho de pelúcia, luvas, meias etc. Os aspectos materiais da indumentária e os acessórios relacionados a ela vêm se expandindo em repertório, gerando variações nos estilos de fantasias. Desde os anos 1980, a quantidade de turmas e a sua heterogeneidade só aumentam. Hoje, dividem-se em duas grandes classificações: as mais tradicionais, que usam “bexiga”, e uma variação mais recente, que usa “sombrinha”. Estas dividem o universo da brincadeira com outros estilos de fantasias, como o bujão, o de capa e o rastafári, sobre os quais esta pesquisa não se aprofunda.

Figura 1: Esquerda: exemplo de uma fantasia do estilo bola e bandeira. Fantasia da Turma Fascinação, Carnaval 2018. Tema: Todas as Escolas de Samba. / Direita: exemplo de uma fantasia do estilo sombrinha. Fantasia da Turma Animação, Carnaval 2018. Tema: Leonardo Da Vinci.



Fonte: Fotos realizadas pela equipe do Estúdio LIS PUC-Rio. Acervo do Laboratório Dhis PUC-Rio.

Desde os anos 2000, passaram a criar os *kits* juntamente com a fantasia, um conjunto de vestir as partes de cima e de baixo do corpo, podendo ser composto por regata ou top, e bermuda ou saia. É usado por baixo da fantasia, para momentos de descontração, antes ou depois de realizarem a performance ritualística, quando ficam “livres” do calor e do peso da fantasia. Acessórios como caneca (ou copo) presa a um cadarço, para ser pendurada ao pescoço e bolsinha transpassada, podem integrar os *kits*, ficando tudo isso “escondido” debaixo da fantasia, quando ela é novamente vestida. As camisetas dos *kits* se tornaram um importante demarcador deste grupo, usadas ao longo do ano em muitas ocasiões cotidianas, principalmente pelos homens.

Figura 2: Kit da Turma Fascinação 2022.



Fonte: Acervo do Laboratório Dhis PUC-Rio.

Bate-bolas é o termo mais coloquial e genérico que nomeia todas as variações de estilos de fantasia, carreguem ou não a bola, como descrito acima. O termo mais preciso, tecnicamente, seria “turmas de fantasia”, mas preferimos o primeiro, por ser, de fato, aquele usado pela esmagadora maioria dos sujeitos da pesquisa. Ainda há o termo Clóvis, que ora é usado como sinônimo exato, ora como a possibilidade de descrever variações distintas da tipologia de fantasias dos Bate-bolas.

Descrição atualizada da manifestação

Ao longo da pesquisa, estivemos em contato com diferentes turmas. As primeiras nos apresentaram outras e assim por diante. Constituímos um grupo particular, dentro da amplitude de turmas, algumas delas tendo participado de toda a pesquisa, com diferentes contribuições. Esse convívio, porém, não se deu apenas durante os carnavais, mas também entre carnavais, ao longo dos anos, em diversas ações de campo³. A pesquisa

³ A tese apresenta, no anexo, uma tabela com todas as ações da pesquisa de campo e respectivas descrições.

gerou mapas de análise do grupo como um todo, ao considerar a oportunidade que o Carnaval, como intervalo da vida cotidiana, oferece aos grupos para que expressem coletivamente e criativamente a sua identidade cultural. A partir da inspiração na etnografia e no gênero literário da crônica a tese apresenta narrativas textuais e imagéticas⁴, construídas a partir de observação e registros em campo, para descrever três categorias de observação – Socialização, Estética e Gênero – e apresentar uma descrição ampla da cosmologia atual do grupo social, fruto de nossa vivência particular. Este trabalho retrata, a seguir, uma síntese da identidade coletiva da manifestação.

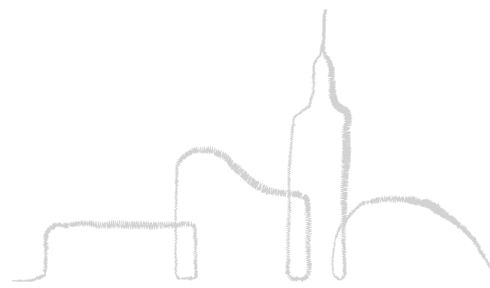
Socialização

Talvez seja possível descrever encontros, resenhas e festas das turmas que frequentamos, como eventos seguros para quem vive no subúrbio de uma grande metrópole como o Rio de Janeiro. Algo que habitantes de grandes cidades procuram, como descreve Canclini:

Ao contrário, viver em uma grande cidade não implica dissolver-se na massa e no anonimato. A violência e a insegurança pública, a impossibilidade de abranger a cidade (quem conhece todos os bairros de uma capital?) levam a procurar na intimidade doméstica, em encontros confiáveis, formas seletivas de sociabilidade. Os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou entre os setores médios e altos multiplicam as grades nas janelas, fecham e privatizam as ruas do bairro. Para todos o rádio e a televisão, para alguns o computador conectado para serviços básicos, transmitem-lhe a informação e o entretenimento a domicílio (CANCLINI: 2015, p. 286).

E, para quem escolhe uma “vida de Bate-bolas”, o entretenimento pode durar o ano todo, pois alternam a felicidade de viver o principal rito do ano e a expectativa do próximo, com muitos encontros realizados entre carnavais. Não comemoram somente o Carnaval. Festejam São Jorge, Festa Junina, aniversários, organizam campeonatos de futebol, resenhas para acompanhamento da confecção da fantasia ou para decidir como vai ser a próxima festa de saída. As razões para festejar são muitas e, portanto, são muitos os rituais que, ao longo do ano, produzem rupturas do cotidiano. Segundo Agier (2021), o rito tem enorme importância para a comunidade, é o ponto em que a história pessoal se cruza com a história coletiva, onde o indivíduo se conecta com os outros. Representa um instante em que todos se identificam com um 'nós', em um momento específico. Nas sociedades em que o Carnaval desempenha um papel significativo, pode-se experimentar, ainda que não se faça parte dessa coletividade no restante do tempo, a sensação de pertencer a uma comunidade maior. Porém, no dia seguinte, ao terminar, seguimos adiante, e a comunidade ritual se desfaz. Há atos do ritual que realizam uma ressignificação da vida cotidiana e que podem ser descritos como rupturas ou como variáveis da rotina pela sua repetição ritualizada e pela falta de uma separação absoluta entre as duas vivências.

⁴ As narrativas textuais e imagéticas se encontram no capítulo 4 da citada tese, p. 127.



Para um Bate-bola, parece que o Carnaval perdura, deixa seu rastro no dia a dia, sempre revivido ou planejado nos ritos do ano que entremeiam os carnavais. A primeira condição para que essa configuração de comunidade se desenhasse começou com a formação das turmas. Outro autor com o qual dialogamos sobre a tendência à socialização entre os Bate-bolas é Michel Maffesoli (2006), que usa a metáfora “multidão de aldeias” para se referir aos agrupamentos de pessoas que se formam nas cidades. A constituição de grupos ou “tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir de sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação” (MAFFESOLI, 2006, p. 224). O que pode se dar no território concreto, no território simbólico ou nos domínios intelectuais e, ainda, na “galáxia eletrônica”, que permite a interatividade constante. No caso dos Bate-bolas, notamos sua presença ativa nas redes sociais, como WhatsApp, Facebook, Instagram, YouTube e Twitter.

Com relação ao território concreto, vemos a importância das localidades e das relações de vizinhança na busca de abrigo e segurança para a formação das turmas. Em geral, as turmas expõem os nomes dos seus bairros de origem junto aos seus. Além de esta prática ser usada para diferenciar, no caso de nomes repetidos, transparece também a importância da localidade. Nas ações de campo, sempre que perguntávamos para um grupo “*Qual é a turma?*”, a resposta era, invariavelmente, o nome da turma seguido do nome da localidade.

Outra questão abordada por Maffesoli é o fato de que os grupos, para sua própria segurança e sobrevivência, acabam dando forma ao ambiente social, o que reforça a formação de novas turmas. Para o autor, “(...) a existência de um grupo fundamentado em um forte sentimento de pertença necessita, para sobrevivência de cada um, que outros grupos se criem a partir de uma exigência da mesma natureza” (MAFFESOLI, 2006, p. 228). E consenso e dissenso são essenciais para se promover o equilíbrio, daí as rivalidades e as amizades entre turmas por territorialidade, por estilos de fantasias, que geram ligações, mas também enfrentamentos, alguns em tom de brincadeira e outros envolvendo violência. Mas, numa sociedade plural, nas cidades contemporâneas, o consenso pode se dar a posteriori. A diversidade também leva ao ajustamento, ao equilíbrio. E quando se alcança certo consenso, quando estes grupos se estabilizam, podem surgir outras organizações, como clubes, sociedades e grupos. Nesta manifestação podemos mencionar os grupos: História do Clóvis e Amantes dos Bate-bolas, que integram componentes de diversas turmas.

A liberdade de ir e vir também é essencial para a organização social. Em torno de um eixo, as turmas se ligam, mas, ao mesmo tempo, deixam os indivíduos livres para escolher participar (MAFFESOLI, 2006, p. 233). É o que identificamos pelo modo como novas turmas surgem, quase sempre a partir de um integrante que se desliga de uma turma, para fundar a sua própria, o que acontece depois de participar por um tempo, aprender

como funciona a administração e conquistar os atributos que caracterizam um cabeça de turma. Entretanto, essas novas turmas podem ser bastante efêmeras, durar um ou dois carnavais e, depois, deixar de existir.

Estética

O Carnaval tem seu tempo histórico, diacrônico, que conta a história dos festejos, suas mudanças, hibridações, permanências. E também o tempo sincrônico, repetitivo, do ciclo que se sucede a cada ano, que é a dimensão estrutural dos atos e experiências sociais. Na dimensão estrutural, existem características que se mantêm, mas há muitos aspectos que exigem ou permitem mudanças e atualizações (CAVALCANTI, 1999, p. 80-82). É o que observamos na manifestação dos Bate-bolas, que se mantêm em fluxo constante de mudança. Existem centenas de turmas que, a cada ano, criam fantasias, acessórios, kits, hinos, festas, a partir de um tema de inspiração inédito – o que gera um alto nível de atualização formal e mesmo de inovação.

O Carnaval, enquanto fonte de grandes criações plásticas e musicais, é um período ideal para a observação da criação cultural de um povo. No que tange à expressão estética dos Bate-bolas, podemos afirmar que lidam com bastante liberdade com a dinâmica de renovação do ritual, ainda que mantenham a essência estrutural tanto do festejo quanto da indumentária propriamente dita. E acreditamos que este modo como realizam o ritual seja importante tanto para suas atualizações quanto para sua sobrevivência.

O grupo social dos “bateboleiros” pode ser descrito a partir de sua identidade coletiva, que se manifesta através de aspectos intangíveis, ritualísticos, práticas, valores e crenças; e aspectos tangíveis, relacionados à sua materialização. A identidade do grupo está materializada nas categorias visual, da moda e sonora. A identidade visual se expressa nas pinturas de muros, nas bandeiras, *flyers* e convites digitais, no revestimento de copos (e canecas). A identidade da moda está nas peças de vestir das fantasias, dos *kits* e nos acessórios: máscaras, tênis ou sapatilha, bolsinhas, meias, luvas, enfeites de mão, bandeiras e bolas. Certamente, estas categorias não são rígidas, umas perpassam as outras. Por fim, a identidade sonora, que ouvimos nos hinos, em ritmos de Rap e Funk, que têm como “matéria-prima” para a composição das letras tudo o que descreve a identidade coletiva da manifestação cultural.

O pensamento de Néstor Garcia Canclini (2015), que analisou o processo nomeado “hibridação cultural” nos centros urbanos latino-americanos, é especialmente útil para se analisar a manifestação dos Bate-bolas, considerando-se que ela não cabe no erudito, mas também não é unicamente popular, uma vez que possui cruzamentos e margens embaçadas. Canclini define por hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2015, p. XIX). Deve-se entender “práticas discretas” como aquelas resultantes

de processos anteriores de fusões, ou seja, não como fontes puras. Canclini quer fugir de processos simplistas de homogeneização cultural ou do simples reconhecimento da “pluralidade das culturas” e ir além, para que seja possível verificar, nos processos de hibridação, os conflitos que as combinações de processos simbólicos da massificação globalizada podem gerar. A hibridação faz desmoronar os pares de oposição convencionais: subalterno x hegemônico, tradicional x moderno, culto x popular etc. Quanto maior e complexa a metrópole, como é o caso do Rio de Janeiro, mais condiciona processos de hibridação que, por sua vez, propiciam conflitos e criatividade cultural.

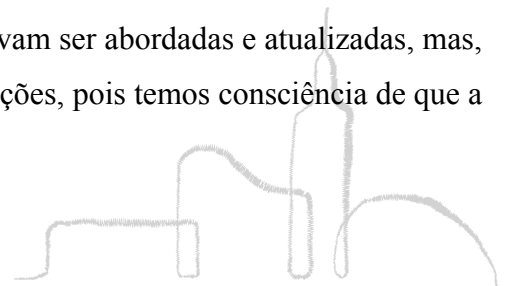
Fantasia, acessórios e *kits* nos levam a compreender esta cultura contemporânea localizada e marginalizada, e nos informam sobre a importância do ritual de Carnaval para a comunidade “bateboleira”. Para Douglas e Isherwood (2013), viver sem rituais é existir sem significados definidos, e talvez, sem memórias. Para estes autores, os rituais mais poderosos utilizam elementos materiais, e pode-se supor que, quanto mais elaborado for o rito, mais intensa é a intenção de consolidar os significados. Os objetos, sob essa ótica, são adereços rituais; o ato de consumir é um processo ritual, cuja função principal é conferir sentido ao fluxo incompleto dos eventos. Isto é percebido com a indumentária dos Bate-bolas e também com as festas de saída, ambas, a cada ano, mais elaboradas e custosas. De algum tempo para cá, certas saídas de turmas passaram a ser festas com equipes de som, aluguel de lona, de pula-pula e muitos fogos. Estes eventos planejados dão sentido à passagem do tempo. O indivíduo/consumidor objetiva “construir um universo inteligível com os bens que escolhe” e, desta forma, demarca a dimensão temporal, que fica, assim, “carregada de significado” (DOUGLAS E ISHERWOOD, 2013, p. 110).

O gasto na fantasia que dá acesso ao ritual e todo o investimento para que ela seja “inovadora”, para que seja “a mais bonita” é um repertório para as disputas verbais entre os brincantes. Nessa brincadeira oral, eles comparam os valores que gastaram, as técnicas e os materiais empregados na confecção e a criatividade dos temas para as fantasias. Observar estas temáticas é perceber um retrato do momento contemporâneo. É observar o que captura a atenção, com o que dialogam, convivem, como formam o repertório. Ao analisar os temas de inspiração para o ritual, percebemos que eles poderiam ser divididos em três grandes categorias – pop internacional, cultura brasileira e religiões – e os exemplificamos, na referida tese, com painéis temáticos, montados com registros realizados em campo, desde 2017⁵.

Gênero e fantasia

Percebemos que as questões de gênero nesta manifestação precisavam ser abordadas e atualizadas, mas, em nossa reflexão, buscamos ser cuidadosos para não produzir generalizações, pois temos consciência de que a

⁵ Os painéis temáticos se encontram no capítulo 4 da citada tese, p. 127.



amostra a que tivemos acesso é ínfima em relação à quantidade de turmas existentes, hoje, no Rio de Janeiro. Mesmo que muitas ações tenham permitido uma observação ampla e coletiva de diversas turmas, a maior parte se deu com turmas específicas, que colaboraram com a pesquisa repetidas vezes. Também a quantidade de interlocutores foi restrita, tendo sido sempre mais facilitado nosso acesso a integrantes homens que a integrantes mulheres, o que se deve ao fato do ritual ter sido, por muito tempo, protagonizado por homens. Ainda hoje, proporcionalmente, existem menos mulheres do que homens nesta manifestação, o que se reflete na composição das turmas, ao menos aquelas que esta pesquisa acessou. Mas desde os anos 2010, segundo nossos informantes, o rito que pertencia quase exclusivamente ao mundo masculino, passou a dividir espaço com as mulheres e suas várias formas de vestir/fantasiar. Elas podem participar como Bate-bolas também, usando a mesma roupa que os homens - o que é mais raro -, ou em uma configuração recente, porém bastante numerosa, participam como Bate-boletes ou “fantasia feminina” (quando não há bola), que vestem roupas diferenciadas. Analisar a presença feminina, então, mostrou ser um objetivo de fundamental importância para a pesquisa. Essa observação foi identificada como uma oportunidade rica para se entender as questões relativas à estética de gêneros, no âmbito da manifestação, isso porque muitas características da aparência desses brincantes são compartilhadas por ambos os gêneros, apesar de também diferirem em numerosos aspectos.

A versão feminina das fantasias pode ser nitidamente diferente daquelas usadas majoritariamente pelos Bate-bolas e chamou muita atenção o fato de elas raramente esconderem seus rostos com máscaras. Também no vestir cotidiano notamos diferenças. O vestir do dia a dia masculino de um Bate-bola ocorre em certa oposição à estética feminina, roupas confortáveis, porém largas. O contraste descrito por Mizrahi entre as roupas masculinas e femininas usadas no baile Funk (MIZRAHI, 2007, p. 242), com evidente oposição entre largo e justo, é igualmente identificado na indumentária dos Bate-bolas e das Bate-boletes e pode ser entendido como um prolongamento do gosto estético do grupo social aqui estudado, observado tanto no vestir ritual quanto no vestir cotidiano. Além das diferenças formais e estéticas, os papéis desempenhados por homens e mulheres, no festejo, se distinguem, ainda que comportem muitas similaridades em diversos aspectos.

Com relação a atuação no evento, seja na participação ou organização, notamos que o papel feminino é periférico. Algumas falas chamaram a atenção, para uma estrutura patriarcal. Certa vez ouvimos integrantes falando sobre a próxima mulher a ser cabeça da turma feminina: “*Que o poder não suba à cabeça dela. Ela tem que saber quem manda na turma. Ela só vai tirar as medidas das mulheres e se responsabilizar em acompanhar a confecção*”. No dia da saída, homens cuidam de bebida, gelo, equipe de som, fogos de artifício e segurança. Nas resenhas, eles se encarregam do churrasco. Mulheres chegam em cima do horário da festa (para ter mais tempo de se embelezar?). Mulheres não participam de decisões. Homens decidem. Nas resenhas, homens de um

lado, cuidando do churrasco ou de fazer a caipirinha, mulheres do outro lado, conversando. Nos hinos⁶, a menção às mulheres, “*todas de shortinho*”, “*elas vêm de vários lugares para ver a turma*”, objetificação e sensualização do corpo feminino em narrativas que afirmam a atração física delas por eles. Brincadeiras machistas. Na hora da saída, um dos integrantes comentou com a esposa: “*Pode ficar, não precisa ir não, me deixa soltinho que, com essa fantasia, que hoje eu vou arrasar!*” Comportamentos naturalizados ou o mesmo machismo vindo de ambos os gêneros, feminino e masculino. As práticas discursivas e não discursivas que caracterizam os papéis de gênero em oposição binária se mostram na estética de vestir, nos cuidados de si e nas relações sociais. Todas muito evidentes, para não serem mencionadas na tese, ainda que essa perspectiva não tenha guiado a pesquisa. A participação da comunidade LGBTQIAP+ ainda não é expressiva quantitativamente na manifestação e não ocorre nas turmas que observamos.

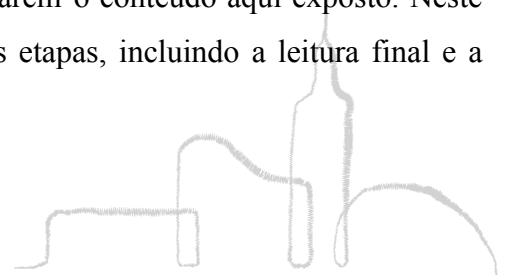
Descrição das Personas

A amostragem desta análise individualizada obedeceu a um limite da metodologia que envolveu a imersão em uma turma específica, a Fascinação, que conhecemos nas primeiras ações da pesquisa de campo, e, desde então, estabelecemos uma relação amistosa e muito colaborativa com seus integrantes. Isso fez com que, naturalmente, a pesquisa se voltasse em maior profundidade às análises e descrições realizadas com esta turma, o que se revelou um recorte no campo de observação. Esta turma tem sede no bairro de Oswaldo Cruz, periferia do Rio de Janeiro.

Realizamos uma reflexão sobre o projeto de identidade visual da apresentação estética dos brincantes na construção destas personas, em cruzamento com suas subjetividades, que buscamos acessar em entrevistas e na convivência em muitos eventos. Tomou-se como parâmetro a necessidade de se ter uma representatividade dos dois gêneros ainda que em proporção diferente do que acontece no rito, para podermos recolher informações com paralelismos sobre os dois grupos de interesse da pesquisa – dois homens e duas mulheres. Foi fundamental incluir o líder de turma e os demais sujeitos foram selecionados por se destacarem em algum aspecto do vestir, mas, sobretudo, pelo vínculo social mais consistente estabelecido ao longo dos nossos encontros e pela disponibilidade para as dinâmicas da investigação. Estes indivíduos, juntos, constituem uma amostra de seu grupo social, que, pertencendo a uma sociedade complexa, compartilham visões de mundo, ao mesmo tempo em que transitam por diferentes espaços, exercendo suas singularidades.

Seus nomes são revelados com seu consentimento, após verificarem o conteúdo aqui exposto. Neste sentido, empregamos a metodologia de design participativo em todas as etapas, incluindo a leitura final e a

⁶ Ver exemplos de hinos no apêndice 8.1, da citada tese.

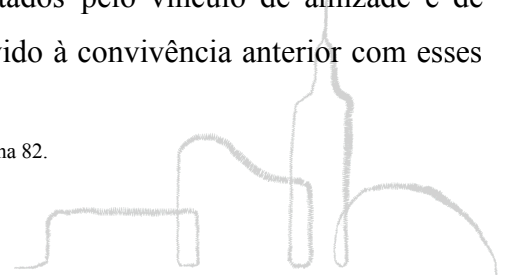


aprovação da narrativa elaborada, como se encontra publicada na tese⁷. Assim, analisamos quatro integrantes da turma: Buda, “cabeça da turma”, é um “paizão”, com personalidade lúdica e divertida; Henrique que parece “viver” o Carnaval o ano todo; Amanda deixou de ter medo de Bate-bolas para se tornar um deles; e Cláudia, na ocasião (em 2023), seria a próxima responsável pelas Fascinet’s, que vestem a versão feminina da fantasia.

Com uma metodologia que pode contribuir para a análise de processos identitários na relação com a moda – em uma perspectiva mais ampla –, realizamos a pesquisa com um recorte no diálogo entre o ritual e o cotidiano, sempre levando em consideração as situações de uso relacionadas com objetos vestíveis e artifícios de manipulação da estética corporal. Percebemos que esta análise, que investiga ao mesmo tempo o vestir ritual e o vestir cotidiano, pode constituir uma rica oportunidade para se delinear a identidade do grupo e a singularidade dos seus integrantes. Tal abordagem se encontra em diálogo com o que propõe Roberto Damatta (1997) sobre as relações entre o festejo e a rotina, mas neste trabalho problematizando a ideia de fronteiras tão nítidas, pois identificamos que as fronteiras no campo desta pesquisa são embaçadas. Para apresentar cada persona social, começamos com a realização dos vários “mapas” de análise do grupo social como um todo, a produção do festejo, a performance dançante, a vestimenta e a fantasia, em diversas ações de campo. Em seguida, sobrepusemos a camada da história social desse indivíduo para entender suas trajetórias, motivações e referências de vida, pois entendemos que tais personas se definem na dialética entre cotidiano e festa. Para isso, foram realizadas entrevistas em profundidade, para que pudessem narrar algumas de suas histórias pessoais, falar do passado, de planos futuros e dos “projetos de vida”, conforme nossa definição ampliada a partir do conceito de Gilberto Velho (2004).

O roteiro das entrevistas em profundidade, sempre aberto e semiestruturado, teve sua elaboração inspirada na pesquisa de Jessé de Souza para o livro “Ralé brasileira: quem é e como vive” (2009). As entrevistas ocorriam na residência dos sujeitos da pesquisa e foram agendadas previamente. Solicitamos aos nossos entrevistados que eles selecionassem fotos e objetos relacionados à trajetória deles com o ritual para ter esses documentos disponíveis no dia da entrevista. Além disso, comunicamos que gostaríamos de ter acesso ao guarda-roupa cotidiano e às fantasias usadas nos carnavais, caso eles as tivessem guardado, ao longo do tempo. As perguntas de entrevista indagavam sobre os tipos de roupas e cuidados com a aparência para diferentes situações abordadas. Também buscamos fazer com que este resgate da memória de situações vividas gerassem narrativas relacionadas com estética de apresentação pessoal. As entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora e autora da tese. Os assuntos abordados foram possibilitados pelo vínculo de amizade e de confiança mútua que estabelecemos. Certamente, já existia abertura, devido à convivência anterior com esses

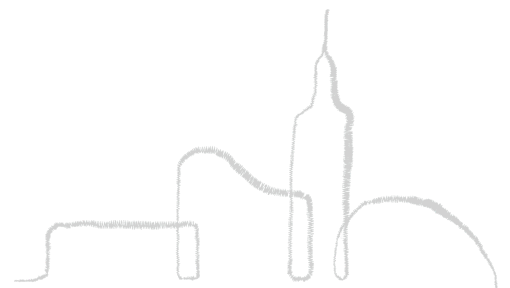
⁷ As descrições completas das quatro personas sociais analisadas podem ser consultadas na tese, a partir da página 82.



brincantes, pelo fato de conhecê-los havia mais tempo, tendo com eles compartilhado outros eventos, que podiam ser rememorados nesse encontro. Além da entrevista, registrada em áudio, na mesma ocasião foram realizados os registros dos documentos selecionados e dos itens de vestuário – roupas e acessórios. Em geral, houve a presença de mais um pesquisador, igualmente interessado, que serviu para – além de agilizar o processo que era longo, pois incluía a realização de muitos registros fotográficos das peças de guarda-roupa – deixar a conversa mais leve, dinâmica, suavizando o “peso” da entrevista em profundidade, que, por vezes, pode configurar alguns momentos densos nos relatos de histórias de vida.

Referimo-nos aos entrevistados pelo conceito de persona social, entendendo que todos nós, de forma mais ou menos consciente, criamos nossos “personagens” para transitar pelos grupos dos quais fazemos parte. A aplicação deste conceito enfatiza a dimensão social e subjetiva dessas construções. Para esta pesquisa, tiramos partido da observação do Carnaval como uma janela do cotidiano, que nos deu a oportunidade de comparar o personagem no ritual com o personagem no dia a dia, o que também ocorreu em muitos encontros, ao longo do ano. Ao realizarmos as análises, percebemos que poderíamos criar categorias visuais para descrever as personas, entre as quais essas categorias não são as mesmas. Por vezes, determinados elementos, características, gostos e preferências são comuns entre elas, mas ganham distintas relevâncias. Percebemos que existem sobreposições das características e que elas não se excluem. Ao contrário, se atravessam e, eventualmente, alguns de seus aspectos podem ter mais força e ganhar mais importância na descrição. Vale destacar que as entrevistas foram importantes para o entendimento das motivações que levam esses brincantes a se fantasiarem de Bate-bolas e Bate-boletes no carnaval e também dos valores relacionados ao estilo de vestir cotidiano.

Entre as personas sociais analisadas em profundidade, vemos atravessamentos comuns entre todos eles, porém diferenciados tecnicamente quanto ao gênero. De modo geral, todos conferem importância aos cuidados com a imagem pessoal, homens têm barbas e cabelos bem cuidados no cotidiano e no carnaval, as mulheres têm os cabelos tratados e unhas decoradas, normalmente no dia a dia, e com mais cuidado ainda no carnaval quando unha e maquiagem são decoradas de acordo com cores do enredo anual. Entre os homens, o carnaval está mais presente no cotidiano com usos de peças de vestir que remetem ao ritual. Entre as mulheres, é o cotidiano que se faz mais presente no carnaval com os cuidados de si intensificados e a quase recusa de usar os *kits* em eventos desconectados das situações cotidianas, exceto em algumas festas e resenhas com a turma.



Considerações finais

A dedicação da autora de tese à área de estudos teóricos e práticos do design de moda-vestuário despertou a curiosidade particular sobre o fantasiar do grupo social, não somente relacionada aos aspectos formais, materiais e estéticos que compõem as fantasias, mas aos seus significados simbólicos, ligados às práticas e motivações relacionadas ao uso. Sendo o ritual de Carnaval uma suspensão temporal da rotina da vida cotidiana, percebemos que os sentidos se evidenciariam na relação entre o vestir ritual e o vestir cotidiano. A abordagem demonstrou que o diálogo entre vestuário e fantasia possibilita um percurso interessante para se investigar técnicas de abordagem de um campo de estudo plural pelo designer na área dos estudos da cultura do vestir, considerado como forma de criação de personas que manifestam em sua aparência um recorte da estética do vestir da periferia carioca.

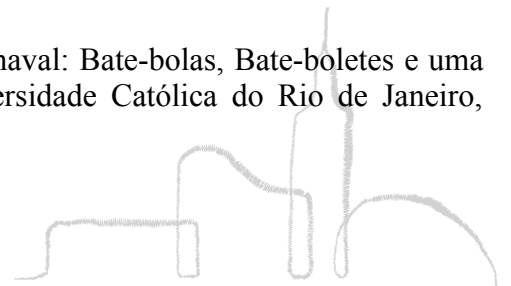
É importante esclarecer que entendemos que o grupo social dos Bate-bolas não é uma unidade isolada, mas um universo amplo e heterogêneo. Assim, como uma única turma de Bate-bolas e Bate-boletes, já é, em si, muito diversa em sua composição. Nesse aspecto, estamos de acordo com Gilberto Velho (1994; 2004), quando afirma que a vida numa metrópole expõe os indivíduos a uma pluralidade de experiências que contribui para uma extrema diferenciação entre eles e que, na verdade, quando observamos um grupo devemos operar na dialética entre unidade e diferenciação.

Aos poucos, para abarcar a abrangência do tema, desenhamos uma metodologia híbrida, voltada para os aspectos gerais da manifestação e para a criação de personas em diálogo com a cultura do vestir, um projeto visual de um contexto complexo e contemporâneo, no subúrbio do Rio de Janeiro. A designação híbrida remete ao percurso investigativo apontado pela “Semiologia da Realidade” (Pasolini, 1982), que percorre níveis distintos de análise: sintática, semântica e pragmática. Somou-se à pesquisa o caráter transdisciplinar da moda, visto que o vestir, em seu espectro amplo, reflete momento histórico, aspectos sociais, econômicos e culturais, daí o diálogo com autores de campos de saberes complementares ao design.

Ao analisar os resultados alcançados, constatamos que a pesquisa atendeu ao nosso objetivo geral de atualizar uma narrativa sobre o universo dos Bate-bolas, ainda que, em maior profundidade, sobre o recorte de dois estilos de fantasias, o “bexiga” e o “sombriinha”. Também a aplicação da metodologia respondeu ao nosso pressuposto de que a cultura do vestir deste grupo social se evidencia no diálogo entre respectivos modos de vestir para o cotidiano e para o Carnaval.

Referências

ANDRADE SILVA, Priscila. A persona no cotidiano e a persona no Carnaval: Bate-bolas, Bate-boletes e uma pesquisa sobre a cultura do vestir. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2022.



Disponível em: https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1812473_2022_completo.pdf

AGIER, Michel. Les dédoublements de soi: esthétique et politique de l'irrévérence. In: Mascarades et carnivals. Organização: Christiane Falgayrettes-Leveau. Catálogo da Exposição, Musée Dapeer, Paris: Éditions Dapper, 2011. p. 41-62

BEZERRA DA SILVA, Monique. As espacialidades de pertencimento e existência das turmas de fantasia da metrópole fluminense. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2023.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2015.

CAVALCANTI, Maria Laura V. D. C. O rito e o tempo: a evolução do Carnaval carioca. In: CAVALCANTI, M. L. V. D. C. O rito e o tempo: ensaios sobre o Carnaval. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Cap. V. p. 71-87.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MIZRAHI, M. Indumentária funk: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita. Horizontes Antropológicos, Dez, vol. 13, n.º 28, p.231-262, 2007.

MIZRAHI, M. A estética funk carioca: criação e conectividade em Mr. Catra. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

PASOLINI, Pier Paolo. Empirismo herege. Lisboa: Assírio e Alvim. 1a ed. 1982.

PEREIRA, Aline Valadão V. Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de Bate-bolas do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, Jessé; colaboradores André Grillo [et al.]. Ralé brasileira: quem é e como vive. 1 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas sobre uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

